WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975

INDISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS

NICOLE RIBEIRO ALVES

RESUMO

Problemas sociais refletidos na sala de aula, o educador de escola pública em sua trajetória passa por diversos desafios, indisciplina, falta de material, poucos cursos de formação. Este artigo tem como foco a análise da indisciplina nas escolas públicas brasileiras, como ênfases em meios didáticos que o educador pode desenvolver para um melhor aproveitamento das aulas. O aumento estatístico da indisciplina nas salas de aulas nacionais escancara a necessidade de um novo olhar pedagógico. Os anseios didáticos estão desde a estrutura das escolas até a didática disfuncional da sala de aula. Nossa educação suplica por ajuda, investimento público, ações reais na escola. Precisando reformular a pedagogia escolar, para termos uma escola libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Educação; Sala de aula; Didática; Escola.

ABSTRACT

Social problems reflected in the classroom, the public school educator in his trajectory goes through several challenges, indiscipline, lack of material, few training courses. This article focuses on the analysis of indiscipline in Brazilian public schools, with emphasis on didactic means that the educator can develop for a better use of classes. The statistical increase in indiscipline in national classrooms opens up the need for a new pedagogical looks. The didactic aspirations are from the structure of the schools to the dysfunctional didactics of the classroom. Our education begs for help, public investment and real actions in the school. Needing to reformulate school pedagogy, in order to have a liberating school.

KEYWORDS: Indiscipline; Education; Classrooms; Didactic; School.

INTRODUÇÃO

O índice crescente de indisciplina escolar é perceptível tanto nos dados, quanto no cotidiano de um professor. Uma pesquisa desenvolvida pela OCDE - organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico aponta que no Brasil o professor perde 20% da sua aula, organizando e acalmando os alunos (Guilherme, 2015) e que somente 63% da aula realmente acontecem à parte educacional.

Isso demonstra o quanto estamos perdendo de capital humano, e uma sociedade que perde pontos na educação, abri margem para uma sociedade individualista, insensível, preconceituosa, e sem avanços tecnológicos e sociais. Uma sociedade estagnada.

Por isso, é urgente um novo olhar para a educação, a necessidade de desenvolver novos meios didáticos, ou realmente, uma nova escola é necessária, mas antes de sermos futurísticos, devemos observar teses já desenvolvidas e de grande valor educacional. Por exemplo, a educação libertadora (Freire, 1967) que a realidade do aluno é o ponto inicial para a didática.

Devemos deixar no passado a educação tradicional, nossa sociedade tecnológica não permite uma estagnação social - o que é ótimo - estamos sempre em mudança. Como disse Roger Waters na clássica música Another Brick in the Wall, cantamos “We don’t need no thought control” (tradução: Não precisamos de controle mental). Demonstrando um anseio por mudanças educacionais desde 1979. E que mesmo que socialmente cantamos essa música, pouco foi feito no cotidiano.

Só mudando a didática conseguiremos vencer a indisciplina, claro que temos diversas “indisciplinas”, mas só estudando meios de mudar a rotina da sala de aula, que encontraremos soluções para uma ascensão da educação.

A educação necessita de estudos incessantes, torna parte da educação sua avaliação, sua retomada histórica para prosseguir de maneira eficiente. A educação faz parte de todos nós. Investigarmos a educação é fazer uma leitura de nós mesmo. Uma releitura da sociedade, do planeta, das nossas ações políticas com um olhar crítico e inovador. Para assim sermos cidadãos globais. Esse artigo desenvolve a questão da indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental I.

DESENVOLVIMENTO

Em conversas rotineiras de professores da escola pública é escancarado os anseios da precarização do trabalho e dos erros estruturais do sistema de ensino. A constituição de 88, artigo 205 assegura que a educação é um direito e tem como objetivo o desenvolvimento integral do aluno, porém o sistema econômico em exercício no Brasil contribui para a desigualdade social, não só econômica, mas cultural. O capitalismo vislumbra que a meritocracia é o passe para todos alcançarem seus objetivos, mas seu principal papel é esconder um sistema perverso (Santos, 2000).

Dissertar sobre a escola e o campo de atuação é compreender a sociedade. A escola é um reflexo da sociedade, quando a educação não está satisfatória a decadência social é explicita. O trabalho da educação é transformar a realidade de vida do indivíduo, porém com um sistema sucateado, professores mal pagos e sem formação contínua, o serviço social se torna secundário e a educação bancária se normaliza (Freire, 1996).

Investigar a relação do trabalho na escola e o neoliberalismo e compreender o valor cultural que se atribui socialmente. É notável que as relações trabalhistas dentro da escola pública estão sendo dominado por um regime econômico devastador.

No governo do estado de São Paulo, os professores são divididos em categorias A, F, O e V. Categoria A são os educadores efetivos, contratados por concurso público. Categoria F são professores que por meio da lei complementar nº 1.1010 de 2007 conseguiram estabilidade e direitos semelhantes a categoria A. Os classificados em categorias O e V são professores temporários, seus direitos trabalhistas são mínimos e quando não substituem ou em período de recesso, não tem a segurança de um salário.

Um governo que estratifica os educadores, não valoriza a classe responsável pelo desenvolvimento cognitivo da população, apontando que não se preocupa e que a educação se torna só uma pauta eleitoral.

situações instáveis, precárias, ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego. Isto é, ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, flagelo do desemprego. Isto é, ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas (Antunes, 2018).

Segundo Lopes; Caprio [2012?] “No discurso neoliberal, a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança”. O neoliberalismo traz a clareza de um

sistema de estado mínimo e que tudo se torna um mercado, e que só através do dinheiro as pessoas teriam acesso ao material e espaços – este mínimo é chamado de bem-estar social. A educação de 2020 tem um discurso de desenvolvimento da criticidade do aluno e que ele deve se sentir pertencente aos territórios, mas o processo de ensino continua presa na educação para o trabalho.

Para Silva (1994) a escola faz um papel importante para o neoliberalismo "trata-se de fazer com que as escolas preparem melhor seus alunos para a competitividade do mercado nacional e internacional". O marketing liberal romantizou que a educação ela forma para o indivíduo escolher a sua profissão e empregado ele se torna livre das amarras sociais, mas a liberdade que o capital fala é o do consumismo.

A escola é um meio de interação, porém suas limitações estão tanto na parte física quanto didática. A arquitetura das escolas públicas de São Paulo pouco se diferencia de um presídio, herança da época militar, gradis, portão de ferro, muros são tão comuns que se normalizou aos olhos sociais. E quando a escola não tem esses componentes é considera insegura. O discurso da didática escolar é se afastar do tradicionalismo, por um tempo se empregou o construtivismo e agora discutem a metodologia progressista. Mas, quando a porta da sala de aula se fecha, um professor se depara com uma sala cheias de alunos enfileirados e é considerada a melhor sala aquela que os alunos são quietos e apáticos.

A chamada escola tradicional centrava seus esforços principalmente na transmissão de conteúdos, geralmente de forma verbal, para crianças e jovens por ela considerados motivados e desejosos de aprender. Ou seja, não se concebia que era função da escola mobilizar nos alunos o desejo e a vontade de aprender ou pelo menos não desmobilizar esse desejo com sua forma imperativa e desinteressante de ser. (Jacomini, 2009)

Na teoria, a o tradicionalismo foi o passado das escolas, mas na praticidade da rotina escolar, ela continua sendo o presente. Expondo a necessidade de uma nova pesquisa de didática que seja eficiente para a nova demanda educacional. Que fortaleça o processo educativo e não o mero conteúdo.

O sistema escolar em vigor na sociedade brasileira está caminhando para a exaustão da mesmice. Um novo olhar é urgente, os professores precisam se sentir seguros e compreender o seu papel social, o neoliberalismo desumaniza o ser humano e o torna um número, afetando o processo de ensino aprendizagem e desvalorizando o professor.

A sala de aula, escola, nasceu do anseio da educação completa ao homem, porque a família não é suficiente para educar (Portal dia a dia educação), ou seja, ambas são complementares. Por vezes, esse contato pais/escola não acontece por diversos motivos, e como consequência temos o atraso no trabalho pedagógico. Podendo resultar a indisciplina. Temos outros fatores que também podem prejudicar mais ou também o trabalho pedagógico (falta de investimento na educação, desvalorização do professor, entre outros. Que não é o foco desse artigo).

Existe um senso comum (relembrando que senso comum não tem comprovação cientifica, que faz parte de vivencias de um determinado grupo de pessoas que popularizaram o dito) que professor "não faz nada" ou que tem vida "mansa". Mas, um dia de trabalho já é percebível que vida mansa passa bem longe de uma sala de aula. O que é ótimo, pois para um ambiente educacional ser eficiente necessita de trabalho e organização.

Segundo Vygotsky, para a construção do conhecimento é necessário o efeito da interação social, da linguagem e da cultura na origem e na evolução do psiquismo humano. Segundo este referencial, o conhecimento

não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do indivíduo. Portanto, a aprendizagem é um resultado adaptativo que tem natureza social, histórica e cultural. (Boiko; Zamberlan. 2001)

para assim ter a apreensão da realidade, sendo fundamental para o desenvolvimento humano. A interação social é o principal meio.

Hoje a falta de compreensão da realidade do aluno, intensifica a indisciplina.

O problema central da indisciplina é não aceitar o aluno com um todo, mas só a parte que deseja ter. Como citado na introdução, cantamos Another Brick in the Wall há 30 anos, mas ainda temos um sistema bancário nas escolas, depositam o conhecimento para os alunos, queremos alunos sentados em fileiras, quietos e sem espaço. Isso em um contexto histórico de liberdade de ideia e expressão, ou seja, o que o sistema educacional deseja não condiz com a sociedade atual. Aumenta a indisciplina. O aluno reflete na escola seus traumas, e a escola não está preparada para receber o aluno por inteiro.

Segundo o dicionário online Dicio, é a ausência de disciplina; com desobediência; insubordinação. Característica de quem não obedecer a preceitos, normas ou regras. Comportamento que se opõe aos princípios da disciplina; desordem, bagunça.

No artigo de Bartz; Quartieri; Freitas (2017), indisciplina está relacionado

os comportamentos graves que violam regras puramente escolares, não trazendo danos instantâneos às pessoas. (...) exemplos de indisciplina escolar: chegar atrasado; brincadeiras incomodas; conversas clandestinas dentro da sala de aula; desobedecer às ordens dos professores; réplicas às ações disciplinadoras dos docentes. (Bartz; Quartieri; Freitas. 2017)

A indisciplina é constatada nos momentos que as atitudes dos educandos, atrapalham o processo educativo. Afinal, não convém ser uma educação engessada. Porém em muitas escolas ainda existe o hábito de considerar que turmas quietas, são modelos de ensino.

Mesmo já sabendo que a interação desenvolve o cognitivo. A grande dúvida dos educadores é como desenvolver atividades educacionais, com interação dos alunos, sem acarretar a indisciplina. Não é fácil, mas é possível. E para uma mudança educacional eficiente, torna necessária a mudança dessa didática.

O professor Paulo Freire nos deixou tesouros didáticos. Ao contestar a didática abordada em sala de aula, ele nos trouxe reflexões. Já é sabido que a educação bancária é uma falsa. O professor atua que está ensinando e o aluno atua que está aprendendo.

Como quebrar esse cenário? Uma reeducação é necessária e temos o caminho. Agora, é percorrê-lo.

Como citados algumas linhas acima, uma das dúvidas dos professores é como diversificar a aula sem causar indisciplina.

Paulo Freire nos respondeu que

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (Freire, 1996)

O educador quando inicia sua didática

embasada na realidade do aluno, ele assegura uma melhor desenvoltura pedagógica. Óbvio que até o melhor professor terá relatos de indisciplina em suas aulas. Por isso é fundamental uma boa relação escola/pais e escola/sociedade.

Casos de agressão dentro da sala de aula escancara o caos de um ambiente libertador, se tornando libertinagem. Um lugar de amor, se tornando ódio.

Pereira; Porto e Damasceno diz que a violência deve ser estuda no seu incide e que é percebíveis variações de violência escolar.

multi-diversificação da violência: trabalham-se a partir deste momento três ações diretas: “violência na escola”, “violência à escola” e a “violência da escola”. Sendo que, as duas primeiras se referem a violências dos alunos e a terceira a violência da instituição. Portanto é interessante analisar estes aspectos de todos os ângulos, enfatizando a violência à escola, isto é, quando o aluno destrói a escola, difama e agride o professor, ou seja, agressão à instituição e a quem a representa, focando na relação aluno-professor.

Todos os tipos de violência são repudiados em ambiente escolar, mas sempre temos contato com suas variações, sendo necessário um trabalho contínuo de socialização e humanização na escola.

Cada dia que passa mais notícias vê de agressão aluno-professor, um lugar onde sua matriz deve ser respeito, veem agressões verbais e físicas.

Vamos analisar o que devemos fazer para não temos mais casos de agressões aluno-professor nas unidades escolares. Sabemos que a realidade de vida de alguns alunos é complicada, e que essas inseguranças pessoais são manifestas em ambiente escolar. Nossos alunos são espelhos da sua própria vida. Por isso, tornar a escola o oposto da sua realidade fora dela facilita o caminho do respeito. Como assim? Percebeu-se que o educando é retraído socialmente devido seus problemas pessoais, devemos – como professor – desenvolver atividades de socialização.

Quando estudamos as didáticas holísticas e conseguimos aplicá-las, nós estamos compreendendo os anseios dos alunos. Professor e aluno são companheiros da educação, e não inimigos.

Para uma boa educação é necessário liberdade educacional e um professor autoridade. E para ser autoridade, não autoritário é necessário que os alunos apliquem valor e confiança na figura do professor.

Como professores têm a obrigação da metamorfose. Devemos estar em uma constante autoavaliação e perceber qual a melhor didática devo tomar nas inúmeras escolas. Mas sempre respeitando a história de cada aluno, para assim estabelecer o respeito contínuo.

A didática é fundamental, por isso a intervenção pedagógica estudada neste artigo é o Portfolio, mas por quê? A história do portfólio ajuda a entender o valor dele no processo educativo. Sua origem está relacionada aos jovens artistas e fotógrafos, que ainda sem reconhecimento de sua obra, andavam com uma pasta cheia delas para assim mostrar o valor do seu trabalho.

O professor pode não perceber, mas ele faz isso o tempo todo pelo corredor da escola. Anda com a arte intelectual dos educando em uma pasta embaixo do braço. O portfólio é a demonstração visual do caminho do conhecimento. O portfólio do educando é o conjunto de atividades que ele construiu no seu caminho educacional, ou seja, a obra dos alunos em uma pasta.

No âmbito escolar o portfólio vem como contribuinte principal no processo cognitivo. Afinal ele é uma coleção das obras dos educandos ou/e uma parceira professor-

-aluno.

Nas situações de indisciplina o portfólio vem para contribuir para o avanço intelectual do aluno. O aluno se torna responsável pelo seu próprio êxito. Atribuindo responsabilidade para ele, motivando o mesmo a sempre ter as melhores atividades para entrar no conjunto da pasta.

O portfólio reafirma a realidade do aluno, por ser uma construção do próprio, ele traz sua identidade. O resultado do seu processo não será resumido em uma nota, mas sim na sua construção pessoal.

Cabe destacar que o uso do portfólio beneficia qualquer tipo de aluno: o desinibido, o tímido, o mais e o menos esforçado, o que gosta de trabalhar em grupo e o que não gosta, o mais e o menos motivado ou interessado pelo trabalho escolar, o que gosta de escrever e até o que não gosta – porque ele pode passar a gostar, assim como pode apresentar suas produções usando outras linguagens. Desenvolvimento dessa maneira, o portfólio permite ao aluno acompanhar o desenvolvimento de seu trabalho. (Boas; 2012)

A construção do portfólio com os educandos torna uma tarefa agradável, pois relaciona a realidade social com a teoria. Atribuindo valor nas relações professor-aluno.

O portfólio não é a solução do problema da indisciplina, infelizmente não existe uma solução, mas várias intervenções. Investimento do dinheiro público de forma incisiva deve ser o primeiro passo. Mas, no caminho didático o portfólio nos ilustra como a educação é holística e cheia de reviravoltas.

Conhecer o território, outro projeto educacional que deveria ser a primeira ação pedagógica das escolas. Dificilmente o aluno terá conhecido sua cidade efetivamente, eles sabem onde fica a delegacia, terminal de ônibus e outros pontos importantes da cidade, mas dificilmente conhecerá a história ou viverá sua cidade. Por exemplo, na cidade de São Paulo tem 110 museus, e dificilmente os moradores/alunos do município conhece metade desses museus. Uma aula magma conhecendo o município pelo Museu mais próximo ou prefeitura da cidade, trará outro peso didático para o educando.

Mostrando que os professores não precisam ser os super heróis da sociedade, mas que atitudes simples podem mudar totalmente a visão do aluno sobre a escola.

A situação da escola vai além do descaso e sucateamento político, ela recebe educandos com todas as suas dificuldades de vida, todos os seus anseios e dificilmente conseguirá fazer um bom trabalho didático. Um aluno com fome, com sequelas da vida não irá entender a importância de conhecer os movimentos da Terra. A indisciplina aparece como forma de revolta, descontentamento e no processo de desvalorização da educação. Darcy Ribeiro sinalizou na frase icônica “A crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto” analisando o futuro, o nosso presente, a instabilidade e o fracasso da educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da indisciplina em sala de aula vem do anseio dos professores em tentar encontrar soluções e melhorias nas escolas, como a própria sociedade. Todos os professores sabem como é desmotivador o desrespeito que os alunos podem nos atingir, mas como nós somos os responsáveis e a autoridade na classe, devemos sempre procurar caminhos pedagógicos para melhorar o convívio na sala de aula. A maior armadura que o professor tem é a calma, inteligência e vontade de sempre melhorar. Calma, devido as inúmeras afrontas que o professor pode sofrer, e somente um olhar tranquilo pode reverter essa situação.

Inteligência de saber qual a melhor didática para tratar cada aluno. Vontade de melhorar é a continua autoanalise, sem sa-

ber os nossos erros, não tem como consertá-los. Infelizmente, não existe fórmula mágica para resolver a indisciplina, mas caminhos. O principal caminho é entender a realidade de cada aluno e através dela desenvolver os conteúdos didáticos para assim atribuir valor a escola. Não é uma tarefa fácil ser professor, por isso a mudança frequente de sua didática se torna necessário. A busca frequente por novos conhecimentos é quase que obrigatória.

Com o levantamento bibliográfico para a escrita do artigo entendemos que indisciplina não tem uma forma padrão. Mas, várias facetas. E cada uma dela deve ser analisada e trabalhada de uma forma. O educador brasileiro de escola pública e até de escola privada, não recebe curso de aprimoramento profissional que deveria, se o educador quer aprender Libras (2ª língua oficial do Brasil) o professor (a) que deve ir atrás de uma escola e pagar do seu bolso os custos do curso, e esse exemplo se abrange para todas as áreas de cursos, seja relacional a cursos de aprofundamento de didática desde cursos de ensino especial. O professor(a) se encontra em uma situação de abandono público, políticos em seus discursos só sabem criticar a escola, mas ações políticas está em escassez. As notícias da educação sempre estão relacionadas a corte de custos (Oliveira. 2020) ou mal uso do dinheiro público destino a educação (Oliveira. 2021).

A situação da escola vai além do descaso e sucateamento político, ela recebe educandos (as) com todas as suas dificuldades de vida, todos os seus anseios e dificilmente conseguirá fazer um bom trabalho didático. Um aluno com fome, com sequelas da vida dificilmente vai querer aprender os movimentos do planeta Terra. A indisciplina vai aparecer como forma de revolta, descontentamento e no processo de desvalorização da educação. Darcy Ribeiro (Antropólogo, Historiador, Político) sinalizou na frase icônica “A crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto” já analisando o futuro, o nosso presente. A instabilidade e o fracasso da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo. 2018.

Associação Brasileira de Estágios (ABRES). Estatística. Disponível em:<https://abres.org.br/estatisticas/#:~:text=Dos%20mais%20de%208.450.755,anos%20(0%2C27%25). Acessado em 132/06/2020.

BRASIL. Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Diário Oficial da União. Regulamento da educação a distância. Disponível em:<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9057-25-maio-2017-784941-publicacaooriginal-152832-pe.html. Acessado em 14/06/2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas. Brasília, 2020. Disponível em:<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas+-+Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b478-4c5d-ae17-7d55ced4c37d?version=1.0>. Acessado em 12/06/2020.

Buarque, Milena. Categoria O: número de professores precarizados cresce em São Paulo. Disponível em:<http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2018/categoria-o-numero-de-professores-precarizados-cresce-em-sao-paulo/>.

Acessado em:10/06/2020

Cardoso, Zelina. Políticas e reformas educacionais no contexto neoliberal.